

NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO LUGAR SUSTENTÁVEL: POR UMA INTER-RELAÇÃO ENTRE ARQUITETURA, O LUGAR E SUAS PREEXISTÊNCIAS AMBIENTAIS.

Fabiano Vieira Dias (1)

(1) Mestrando do PPGAU/UFES. Professor do CAU/FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ. E-mail: fabiano@urbearquitetonica.com.br

Resumo: *Este artigo pretende traçar uma hipótese, baseada nos escritos do arquiteto italiano Ernesto Nathan Rogers (1909-196), de que, através da construção de arquiteturas que se qualifiquem pela preocupação com sua correta inserção no lugar, busquem nas preexistências ambientais o seu começo, meio e fim enquanto edificações pautadas em preceitos sustentáveis. Para tanto, é necessário ampliar o conceito apresentado por Rogers, marcadamente tratando o ambiente (ou o ambiental) como um resultado de acumulações culturais e históricas, mais que naturais, trazendo-o para as discussões contemporâneas de outros arquitetos sobre o ambiente como lugar, que agrega valores climáticos e naturais, com fins sustentáveis para a arquitetura e seu meio urbano.*

Palavras-chave: *Lugar; Preexistências ambientais; Ernesto Nathan Rogers; Arquitetura; Cidade; Sustentabilidade.*

The Sustainable place: for an interrelation between architecture, the place and its environmental preexisting conditions

Abstract: *This article will to draw up a hypothesis, based on the writings of the Italian architect Ernesto Nathan Rogers (1909-1969), of which, through the construction of architectures that qualify by concern about its correct insertion in place, seek in environmental preexistence its beginning, middle and end while buildings based on sustainable principles. To this end, it is necessary to expand the concept presented by Rogers, particularly dealing with the environment (or environmental) as a result of cultural and historical accumulations, more that natural, bringing it to contemporary discussions of other architects on the environment as a place, that aggregates weather and natural values, with sustainable purpose for architecture and its urban environment.*

Key-words: *Place; Preexistences; Ernesto Nathan Rogers; Architecture; City; Sustainability*

1 INTRODUÇÃO

O arquiteto italiano Ernesto Nathan Rogers em seus editoriais, como diretor da revista italiana *Casabella-Continuitá* entre 1953 a 1964 (MONTANER, 2011, p. 40), defendia um novo olhar sobre a arquitetura moderna, tendo à sombra, a Itália pós-Segunda Guerra Mundial e seu processo de reconstrução urbana após o término do conflito.

Rogers entendia que não havia necessidade de se criar uma nova arquitetura neste momento de transformação do mundo do pós-guerra (entenda-se a Europa, primordialmente a ocidental), mas sim, uma *continuitá*, uma continuidade a partir dos ensinamentos dos grandes nomes da arquitetura Moderna.

Esta renovação proposta por Rogers traz um suspiro de vida à arquitetura do Movimento Moderno que passa, já na década de 50 do séc. XX, por um momento de crise em sua linguagem ao assumir um teor universalista através do *International Style*, termo que foi utilizado para classificar um estilismo que buscava criar padrões universalistas da arquitetura Moderna, e que Rogers rechaçava:

Para combater o cosmopolitismo que opera em nome de um sentimento universal ainda não suficientemente arraigado e que levanta as mesmas arquiteturas em Nova York, em Roma, em Tóquio ou no Rio de Janeiro (em pleno campo do mesmo modo que nas cidades), devemos tratar de harmonizar nossas obras com as preexistências ambientais, quer seja com as da natureza quer com aquelas criadas historicamente pela habilidade humana (Ernesto Nathan Rogers *in* MONTANER, 2007, p. 86).

Para Rogers o ambiente “é o lugar para onde confluem todas as preexistências” (ROGERS, 1965, p. 133, tradução nossa), é o local para o qual se agregam todas as referências necessárias que sirvam de subsídio a arquitetura enquanto ligada a cidade. Tanto a natureza do terreno e seu entorno imediato (construído ou natural) são, agora, elementos considerados na arquitetura; então, o arquiteto verdadeiramente Moderno deveria se abastecer de seu ambiente (físico e cultural) como meio de produzir edificações que fujam da pura abstração formal - descontinuado da história da cidade - em prol de uma arquitetura que se “identifique com as condições ambientais (incluindo as históricas)” (ROGERS, 1965, p. 130, tradução nossa).

O “universal” agora não seria mais a arquitetura e sim, a vontade do arquiteto de adaptar sua arquitetura a cada lugar singular, respeitando a história, os condicionantes físicos, culturais e climáticos de cada localidade, de cada região e de cada país. A verdadeira modernidade se encontraria aí para Rogers, nesta eterna renovação da arquitetura pela história e pelos condicionantes ambientais.

Além de seu teor cultural e histórico, podemos avançar na conceituação das preexistências ambientais de Rogers, trazendo-a para as discussões atuais em torno da sustentabilidade, como mote para caracterizar o lugar como aquele repositório de referências contextuais que servirão para projetar uma edificação.

Para entender conceitos tão abrangentes pesquisados neste artigo – que é parte do Trabalho de Conclusão de Curso do MBA em Construção Sustentável pelo Instituto de Pós-Graduação (IPOG) -, sintetizou-os em abordagens temáticas: primeiramente, uma abordagem que explique, também de forma sintética, histórica e conceitual questões que nortearam os princípios defendidos por Rogers das preexistências ambientais, dando-lhes a devida importância quanto precursoras do debate às voltas da retomada ou da ligação da arquitetura contemporânea com a história, tradições e culturas do seu entorno e da cidade. A seguir, tratou-se de entender especificamente arquitetos contemporâneos que têm no ideário do lugar, a forma de identificar o homem no seu espaço circundante, através da ligação entre arquitetura, ambiente e natureza na construção de lugares pelos seus significados, símbolos, qualidades e caracteres intrínsecos.

Uma terceira análise foi necessária para unificar em torno de nossa hipótese – a da construção de um lugar sustentável – os conceitos de lugar e as preexistências ambientais de Rogers, atualizando-se estas últimas no contexto contemporâneo das discussões às voltas da sustentabilidade da arquitetura e da cidade.

2 AS PREEXISTÊNCIAS AMBIENTAIS E OS ANTECEDENTES DO LUGAR

A partir da metade do séc. XX, a hegemonia do pensamento modernista na arquitetura e no urbanismo dá espaço às novas interpretações para formas de olhar e ler a cidade; a partir de conceituações onde a história, a tradição e a interação da arquitetura com a cidade fazem parte agora de um novo discurso que, ora busque por uma continuidade renovada da arquitetura moderna, como no caso dos escritos de Ernesto Nathan Rogers e, ora busque realmente pela renovação na própria essência da arquitetura contemporânea. Para Montaner (2011, p. 39), foi este o momento de superação de um ideal do espaço universalista pregado pelo Movimento Moderno na arquitetura para a “evolução da ideia específica do lugar”.

É a Itália dos anos 50 do séc. XX o centro irradiador das discussões em torno das transformações necessárias na arquitetura para um mundo pós-guerra e em rápida transformação industrial e urbana. Com três dos mais importantes teóricos da arquitetura deste período (MONTANER, 1993, p. 96) – Zevi, Argan e Rogers (Figura 1) – a Itália, através dos escritos destes autores e de suas presenças em importantes revistas de arquitetura da época (MONTANER, 1993, p. 96-99), foi decisiva na propagação de um “novo” ideário onde a tradição e a história se alinhavam ao progresso pretendido pela arquitetura Moderna. Seus escritos tiveram reflexos sobre os debates dos caminhos da arquitetura Moderna do Pós-Segunda Guerra.

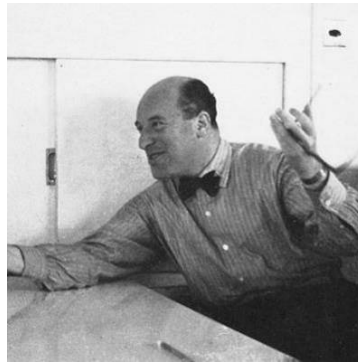


Figura 1: Ernesto Nathan Rogers. Fonte: blog Otro. Disponível em: <<http://otrootroblog.blogspot.com.br>>. Acessado em 29/7/2012

Ernesto Nathan Rogers, a frente da Cassabella-Continuitá fazia de seus editoriais (posteriormente agrupados e organizados em livros) o lugar da defesa de uma arquitetura moderna não mais desconectada da realidade histórica de seu contexto, mas como parte agora da própria construção histórica da cidade. Segundo Montaner, existiam alguns pontos nevrálgicos nos escritos de Rogers no tocante a relação da arquitetura Moderna “continuada” com a história da cidade e que estavam sempre presentes em seus textos:

Ética, nova sociedade, tradição, continuidade, etc., são alguns dos temas recorrentes de Rogers. E os dois temas de maior peso que o Movimento Moderno havia pretendido entender e resolver demasiadamente rápida e diretamente – a relação com a história da arquitetura e a cidade existente – converte-se na interpretação e revisão de Rogers, tal como sucedem em outros arquitetos dos anos cinquenta, nos dois temas centrais que são entendidos de maneira muito diversa de como o entenderam os arquitetos dos anos vinte (MONTANER, 1993, p. 99, tradução nossa).

Em suas preexistências ambientais, Rogers advogava um contexto mais amplo do que meramente ambiental ou ligado à natureza. O ambiente será então, fundamentalmente formado por um conjunto cultural de atributos ligados à história da cidade e seu contexto, à tradição da arquitetura e do lugar e, a não menos importante, natureza como paisagem e como um conjunto de fenômenos naturais e climáticos. Estes, pela sua permanência ou periodicidade sobre o lugar, fazem parte da história do mesmo, transformando-se também em um dos elementos culturais constituintes deste lugar. Para Rogers, não havia diferenças entre se projetar em um ambiente natural ou urbano, já que ambas possuíam suas existências e toda a carga de significado que isto carrega em si. Para ele,

Se construirmos em uma paisagem natural trataremos de interpretar seu caráter e as exigências práticas; em uma paisagem urbana nos inspiraremos no mesmo princípio, de maneira que, em

qualquer caso, nosso ato intuitivo não encontrará sua completa realização senão na interpretação pessoal de dados objetivos; a cópia das formas tradicionais será obviamente impossível e tão pouco poderá satisfazer os novos sentimentos o desenho que só abstratamente se adequa ao nosso gosto e as condições da técnica contemporânea (ROGERS, 1965, p. 136, tradução nossa).

Rogers produz uma arquitetura síntese entre o viés moderno e o olhar sensível da história e da cidade. Projetos como o Chase Manhattan Bank de Milão (Figura 2), de 1958 a 1969 e os escritórios da Hispano-Olivetti em Barcelona, entre os anos de 1960 a 1965 mostram como em diferentes contextos, Rogers e seus colegas arquitetos do BBPR - Ludovico Barbiano di Belgiojoso, Gian Luigi Banfi - morto em 1945 em um campo de concentração (MONTANER, 1993, p. 100) - e Enrico Peressutti se fazem presentes. Ambos os prédios trabalham elementos de uma linguagem fortemente moderna – o aço e vidro, enquadrados dentro de um contexto histórico e sendo criados a partir deste mesmo contexto, buscando desde sua implantação aos desenhos e linhas da fachada uma relação direta com os prédios que os circundam.

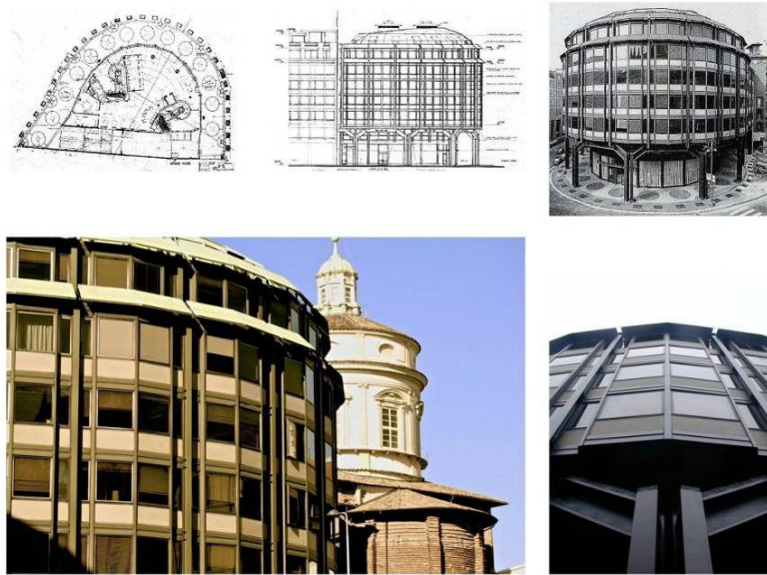


Figura 2: Planta, corte e imagens do prédio do Chase Manhattan Bank de Milão e sua relação com o entorno. Fonte: Scrib. Disponível em:

< <http://pt.scribd.com/doc/78958691/Italia-1945-1960>>. Acessado em 29/07/2012

Seus prédios se abrem para onde é necessário, captando a luz natural difusa do céu europeu e protegem o que também é necessário, como a *loggia* na base do prédio do *Chase Bank*, que além de ser uma reminiscência dos corredores cobertos externos (as *loggias*) dos prédios vizinhos, cria uma área sombreada e protegida para os pedestres. Ernesto Nathan Rogers cria um leque extraordinário de possibilidades ao introduzir o tema do ambiente como o lugar de todas as possibilidades compositivas para a arquitetura, tornando-a parte inseparável da história da cidade. Reunidos em um único lugar, as preexistências ambientais dão a este mesmo lugar a sua peculiaridade, a sua singularidade em relação ao restante. Isto o faz ser trabalhado pelos arquitetos de acordo com suas características intrínsecas, para que não corram o perigo de serem chamados de formalistas, caso não absorvam em suas obras – *a priori* - “os conteúdos particulares e característicos sugeridos pelo ambiente” (ROGERS, 1965, p. 131, tradução nossa).

3 A QUESTÃO DO LUGAR E SUAS PREEXISTÊNCIAS AMBIENTAIS NO DIÁLOGO ENTRE DOIS AUTORES: NORBERG-SCHULZ E TADAO ANDO

Se para Rogers as preexistências ambientais são um conjunto de atributos históricos, tradicionais e naturais, que formam um ambiente cultural a ser tomado como referência para o projeto, para o teórico norueguês Christian Norberg-Schulz o ambiente já é por definição o lugar concreto (Norberg-Schulz in NESBIT, 2006, p. 444). O lugar é primordialmente um espaço concreto, real em sua existência, mas

atribuído de uma qualidade singular; diferente, pois, de um espaço meramente definido pelas suas quantificações espaciais - dimensionamento e distribuição espacial (Norberg-Schulz in NESBIT, 2006, p. 445). Qualificar um espaço é, segundo Norberg-Schulz, atribuir-lhe um caráter, um temperamento (Norberg-Schulz in NESBIT, 2006, p. 446), um significado que lhe dá sentido de existência em relação ao mundo e no tempo. Segundo o autor,

Até certo ponto, o caráter de um lugar é uma função do tempo; ela muda com as estações, com o decorrer do dia, e com as situações meteorológicas, fatores que, acima de tudo, determinam diferentes condições de luz (Norberg-Schulz in NESBIT, 2006, p. 451).

E ainda completa explicando sobre a construção do caráter de um lugar:

O caráter é determinado pela constituição material e formal do lugar. Devemos então perguntar como é o solo em que pisamos, como é o céu sobre nossas cabeças, ou de modo geral, como são as fronteiras que definem o lugar. (...) Olhando uma construção desse ponto de vista, temos de examinar como ela repousa sobre o solo e como se ergue para o céu (Norberg-Schulz in NESBIT, 2006, p. 451).

Aqui vemos a aproximação das definições de lugar apresentadas por Norberg-Schulz e as preexistências ambientais de Ernesto Nathan Rogers, na medida em que ambas tem em comum esta característica de qualificar um ambiente a partir de seu caráter. Para ambos também, o ambiente se caracteriza como uma construção cultural, onde seu entorno construído e natural conforma as referências imediatas ao projeto do arquiteto.

A construção de lugares subjaz a construção de paisagens, de ambientes a partir de coisas concretas que moldam este lugar, seja qual for sua escala: a de um país, de uma região, de uma paisagem, de um assentamento ou de uma construção (Norberg-Schulz in NESBIT, 2006, p. 452). Como explica Rogers, intervir em uma paisagem urbana possui os mesmos critérios de “caráter” e “exigências práticas” (ROGERS, 1965, p. 136, tradução nossa) que uma intervenção em uma paisagem natural e para Norberg-Schulz o caráter, junto com o espaço, estruturam o significado do lugar, ambos atribuindo-lhe suas qualidades: “enquanto ‘espaço’ indica a organização tridimensional dos elementos que formam um lugar, o ‘caráter’ denota a ‘atmosfera’ geral que é a propriedade mais abrangente de um lugar” (Norberg-Schulz in NESBIT, 2006, p. 449). O caráter ou significado atribuído ao espaço dar-lhe sentido de lugar, e este caráter é processado a partir da forma como o lugar é construído, de como são realizadas as atividades práticas e simbólicas naquele espaço para que deixe de ser somente uma tridimensionalidade e receba significações maiores pelos indivíduos que os construíram ou o utilizam.

Na “cultura da vida cotidiana” de Rogers (1965, p. 136, tradução nossa) e o “mundo-da-vida cotidiana” de Norberg-Schulz (in NESBIT, 2006, p. 445) os lugares estão presentes na própria existência do homem, na forma como ele se reconhece no mundo, de como ele se orienta, misturando-o no seu espaço e criando o lugar. A identificação do homem com este lugar se faz, segundo o geógrafo chinês-americano Yi-Fu Tuan, através da própria “dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos” (TUAN, 1983, p. 197). Esta dramatização através de vários meios – “rivalidade e conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos” (TUAN, 1983, p. 197) – marca a experiência de vivenciar o lugar através de seus significados e símbolos. O lugar nada mais é do que “um mundo de significado organizado” (TUAN, 1983, p. 198).

Para o arquiteto japonês Tadao Ando, o propósito da arquitetura – em particular, da arquitetura contemporânea – reside na forma de como esta se relaciona com o seu sítio de inserção, de como o lugar pede para que a própria arquitetura atenda suas expectativas enquanto parte e criadora de paisagens (Tadao Ando in NESBIT, 2006, p. 497). A natureza é para Ando algo que deva ser inserido de forma subjetiva e simbólica, mas sempre presente na arquitetura como elemento de união entre o homem e a natureza. A partir da tradição japonesa desta relação direta com a natureza, mesmo que pelo intermédio da arquitetura, Tadao Ando vê nos elementos naturais – “água, vento, luz e céu” (Tadao Ando in NESBIT, 2006, p. 496), a forma do homem se encontrar em si mesmo. Esta relação íntima entre a cultura japonesa e a natureza ultrapassa os limites físicos, diferentemente da cultura ocidental onde a natureza é vista como o que está do outro lado e distante da cidade e da vida do homem. Segundo Ando,

A tradição japonesa abraça uma sensibilidade para com a natureza diferente da ocidental. A vida humana não tem a pretensão de se opor à natureza e não se empenha em controlá-la, mas antes busca uma associação íntima com a natureza a fim de unir-se com ela. Pode-se até mesmo dizer que, no Japão, todas as formas de exercício espiritual são tradicionalmente realizadas no contexto da inter-relação do homem com a natureza (Tadao Ando in NESBIT, 2006, p. 496).

Ando também antepõem ao projeto arquitetônico (ou, antes disso, à “pesquisa arquitetônica”) as preexistências ambientais do lugar como elementos singulares para a arquitetura em sua inter-relação com a natureza e seus fenômenos, com a história e a tradição do lugar. Na explicação definitiva de Ando, dentro do seu entendimento da inter-relação entre homem, arquitetura e a natureza tem-se o cerne da produção da arquitetura contemporânea:

...hoje a natureza perdeu muito de sua antiga abundância e a nossa capacidade de percebê-la também se enfraqueceu. Por isso, a arquitetura contemporânea tem um papel a cumprir no sentido de proporcionar às pessoas lugares arquitetônicos que as façam sentir a presença da natureza. Quando isso acontece, a arquitetura transforma a natureza por meio da abstração e modifica o seu significado. Quando a água, o vento, a luz, a chuva e outros elementos naturais são abstraídos na arquitetura, esta se transforma em um lugar no qual as pessoas e a natureza se defrontam em permanente estado de tensão. Creio ser esse sentimento de tensão que poderá despertar as sensibilidades espirituais latentes no homem contemporâneo (Tadao Ando in NESBIT, 2006, p. 497).

Dos autores citados, pode-se ter em comum esta relação intrínseca entre arquitetura, ambiente e natureza que forma o cerne do entendimento do espaço como lugar, ou seja, um espaço com significados atribuídos pelas pessoas/usuários através de suas histórias, costumes, experiências e de sua relação com a natureza. Os lugares são construídos na medida em que seus criadores atribuem um caráter a eles, carregando aquele espaço delimitado e definido com algum significado ou significados que fazem a ligação emotiva ou sentimental entre o homem e o espaço ao seu redor, ou, pertencente à sua memória. A esta arquitetura, criação do homem em sua forma de interferir na natureza, cabe buscar a inter-relação com esta, assumindo-a, transformando-a, moldando-a em uma paisagem que identifica, orienta e estabelece o homem no lugar, seja este sagrado, emotivo, da memória ou do simples contato.

A formação de lugares sustentáveis passa primordialmente por esta relação da construção de significados entre arquitetura e natureza, da criação de valores dados à natureza pelo intermédio da arquitetura. Um lugar sustentável somente acontecerá pela ligação emotiva do homem com a natureza, na medida em que esta seja indispensável a sua vida, as suas emoções e ao seu espírito.

4 PREEXISTÊNCIAS AMBIENTAIS = LUGAR = LUGAR SUSTENTÁVEL

Dentro da hipótese desenvolvida neste artigo, viu-se que as preexistências ambientais propagadas por Rogers a partir da década de 1950, tiveram ressonância nos escritos dos dois autores subsequentes (influenciando muitos outros) nos quais o termo “lugar”, assume para a arquitetura e para a cidade, o “caráter” de um espaço carregado de significados e intimamente ligado com seu entorno ambiental; seja ele produzido pelo homem ou o natural.

A partir da década de 1970, após a crise energética especificamente do petróleo e da interdependência humana desta fonte de energia, o mundo começa a se mobilizar em busca de novas fontes energéticas que sejam renováveis, não agressivas ao meio-ambiente e que possam novamente reconectar o homem com o meio natural.

Como bem lembra Brundtland (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. XIV), o homem faz parte deste meio ambiente e quando se fala hoje em desenvolvimento, fala-se em melhorar este “lugar que ocupamos”. A arquitetura que constrói as cidades e cria seus espaços urbanos por sua forma e conteúdo não pode eximir-se de seu papel fundamental na reconstrução da inter-relação do homem com seu meio. Para Capitel, a verdadeira urgência é a retomada da arquitetura como uma “atividade ecológica” (CAPITEL, 2010, p. 8, tradução nossa) como, tradicionalmente, sempre foi. Segundo o autor,

Certo parece que a arquitetura moderna, em seu cultivo de determinados materiais, em sua ingênua confiança em toda classe de instalações e em algumas outras características não demasiado

prudentes, abandonou a velha identidade entre arquitetura e ecologia. Assim, falar de arquitetura sustentável deveria voltar a converter-se em uma simples redundância. Conduzir aos descobrimentos modernos para a satisfação desta identidade deveria ser um objetivo universal (CAPITEL, 2010, p. 8, tradução nossa).

Para Montaner, a verdadeira arquitetura sustentável se produz a partir da “imensa diversidade cultural do planeta” (MONTANER, 1999, p. 219, tradução nossa), na medida em que, além de criar espaços comunitários esteja preocupada com a reciclagem e a economia energética, mas sempre mantendo o respeito e a ligação com as diferenças culturais de cada lugar. Segundo o autor,

Cada cultura está em um estado diverso de evolução, por tanto deveria trabalhar-se desde a premissa conceitual de que não existem nem centros e nem periferias, nem situações mais avançadas que outras. Em definitivo, não deve haver modelos para impor de um contexto ao outro: cada lugar tem de ter a possibilidade de gerar suas próprias e diversas soluções, dificilmente generalizáveis (MONTANER, 1999, p. 219, tradução nossa).

A descoberta do “verde” como a nova onda da indústria não deve interferir na construção de lugares com significados exclusivos, únicos para as pessoas que os utilizam. A construção de um lugar sustentável passa pela evolução dos conceitos de lugar e das preexistências ambientais, sendo estes últimos atualizados no contemporâneo e assumindo a carga do entorno ambiental como elemento tão prevalente e, no mesmo nível de importância da história, das tradições e costumes de cada lugar e de cada pessoa que o usa. Questões quanto à correta implantação da edificação no terreno, seu melhor aproveitamento das isolações e dos ventos predominantes, o reuso de águas das chuvas e a utilização correta de materiais recicláveis e de baixo impacto no meio ambiente, estão na mesma media nos dias atuais da preocupação com a inserção desta edificação no meio urbano, sua relação com as edificações vizinhas, com a história e culturas locais.

O entorno ampliado, a partir da soma do ambiente natural com o construído têm muito que ensinar aos arquitetos. Entender como funcionam os regimes de chuvas locais, as variações climáticas, as posições solares ao longo do ano a partir da latitude local são formas de se iniciar um projeto, de se ter de antemão um partido arquitetônico como referencial para projetar. Estes fenômenos ou qualidades ambientais estão lá não para serem negados ou isolados do lado de fora da edificação, mas para fazerem parte do ato de projetar e construir (enquanto elementos complementares da arquitetura), serem seu norte e seu guia caso a caso.

Se a ação respeitosa do homem perante a natureza pode ser caracterizada como sagrada, como explica McDonough (in NESBIT, 2006, p. 429), o ato de construir lugares sustentáveis conectados com a natureza é a forma humana de retomar seu lugar como parte do ecossistema da Terra; tendo, portanto, nos processos da natureza – reciclar, economizar energia e utilizar somente o que lhe está disponível sem desperdícios – os seus referenciais de vida. Renzo Piano em entrevista à Anaxu Zabalbeascoa resume perfeitamente o que se defende e propõe-se aqui:

A natureza não foi feita à medida do homem. (...) Se o homem não se proteger da natureza, esta acabaria com ele. Por isso a relação com a natureza conforma um terreno ambíguo que leva o homem a criar uma segunda natureza para poder fazê-la sua. Construindo esta nova natureza o homem se sente bem. Ocorre, entretanto, que a natureza original é tão forte que somente interpretando-a, somente a partir de suas próprias normas, se podem criar outra. A sustentabilidade consiste em construir pensando no futuro, não somente tendo em conta a resistência física de um edifício, senão pensando também em sua resistência estilística, nos usos do futuro e na resistência do próprio planeta e de seus recursos naturais. (PIANO, 1998, p. 60, tradução nossa).

5 CONCLUSÃO

Nestas primeiras décadas do séc. XXI, o termo sustentabilidade é cunhado e apropriado por uma gama variada de atitudes, de políticas públicas e tecnologias que buscam se legitimar como sinônimo de qualidade e preservação do meio ambiente. Na arquitetura – e no seu rebatimento imediato que é a cidade, o olhar atento ao lugar através da sensibilidade e conhecimento técnico do arquiteto é o primeiro passo para uma edificação sustentável. A boa arquitetura que tire partido dos condicionantes climáticos

loais, que busque em sua implantação no terreno as melhores incidências do sol e dos ventos, o melhor aproveitamento da topografia, o uso comedido e controlado dos materiais já nasce com o caráter da sustentabilidade. Defende-se, portanto, nesta pesquisa a ligação desejada e necessária da arquitetura com seu entorno natural, na mesma medida de sua ligação com seu entorno construído.

Recuperar a natureza para a arquitetura, para a construção de lugares ao invés de espaços vagos sem significado, não estabelece uma relação nostálgica com um passado primitivo, mas dá a medida de quem somos neste planeta, de nosso tamanho e importância como seres que constantemente interferem na natureza. Falar hoje de meio-ambiente é também falar do meio-ambiente humano, da cidade por definição. Por séculos o homem se isolou em suas cidades, se protegendo da natureza e de outros homens. Isto tudo teve um preço e o principal foi o desligamento do homem da natureza, tratando-a nos piores casos, como um bem consumível e gratuitamente disponível.

Com todas as alterações climáticas que a humanidade vem passando nestes últimos séculos é primordial que esta ligação com a natureza seja reestabelecida, sendo a arquitetura um dos elos para se construir lugares sustentáveis, pelo simples fato de se ter novamente a natureza como parte da vida humana, do ser humano enquanto parte de algo maior.

Os autores citados mostram a capacidade de construção do lugar por múltiplas possibilidades, abarcando para si, tanto qualidades históricas, tradicionais, sentimentais, bem como ambientais, trazendo a natureza como parte integrante da arquitetura e não mais como algo distante ou relegado ao mundo natural em diferença com o mundo humano. O lugar sustentável somente se “sustenta” nesta união entre arquitetura, a ligação do homem com seu lugar e a natureza que o cerca, e que lhe deu origem.

O lugar sustentável então deve ser entendido como uma construção a partir do lugar e suas preexistências ambientais pela sensibilidade do arquiteto. Possui um papel fundamental na leitura da cidade através de seus espaços significativos, na medida em que leva ao espaço arquitetônico toda uma carga de significados que vão instruir a mão do arquiteto em seu desenho pessoal e individual, como um processo técnico-artístico, mas cheio de multiplicidades e correlações com seu entorno construído e natural.

A construção da cidade através de lugares sustentáveis evita sua leitura por textos díspares; ou seja, por edificações sem conexões entre si e a própria cidade, autônomos e individualizados dentro de um meio urbano ilegível e incompreensível, para passar ao diálogo entre arquitetura e cidade através de seu (re) contato mais íntimo com a natureza, entendida como a união entre o ambiente construído e o natural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPITEL, Antón. **Inovación y tradición en La arquitectura contemporânea: o el verdadero reto de la época actual en el interior de la modernidad**, in Cuadernos de Proyectos Arquitectónicos. Madrid: Departamento de Proyectos Arquitectónicos de La Escuela Técnica Superior de Arquitectura de La Universidad Politécnica de Madrid, nº 1, 2010.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1991.

MONTANER, Josep Maria. **Después del movimiento moderna. Arquitectura de La segunda mitad Del siglo XX**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993.

_____. **Arquitetura e crítica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.

_____. **La experiencia del lugar: Ernesto Nathan Rogers, Enrico Tedeschi, José Antonio Cordeh y Lina Bo Bardi**, in Cuadernos de Proyectos Arquitectónicos. El lugar. Madrid:

Departamento de Proyectos Arquitectónicos de La Escuela Técnica Superior de Arquitectura de La Universidad Politécnica de Madrid, nº 2, 2011.

_____. **La modernidad superada: arquitetura, arte y pensamiento del siglo XX.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999.

NESBIT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995).** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PIANO, Renzo...[et al.]. **Renzo Piano : sustainable architectures = arquitecturas sostenibles.** Barcelona: G. Gili; Corte Madera, CA: Gingko Press, © 1998.

ROGERS, Ernesto Nathan. **Experiencia de la Arquitectura.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1965.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

Roteiro para o vídeo

t (s)	Imagem	Som
0"	Slide de PowerPoint – apresentação do título: Notas sobre a construção do lugar sustentável: por uma inter-relação entre arquitetura, o lugar e suas preexistências ambientais	Música contemplativa ao fundo: Alvorada (Antônio Carlos Gomes)
2"	Slide PowerPoint - 1. Introdução ao conceito das preexistências ambientais	Fala do autor
10"	Slide de PowerPoint – 2. As preexistências ambientais e os antecedentes do lugar. Conceitos	
40"	Slide de PowerPoint – 3. A questão do lugar e suas preexistências ambientais no diálogo entre alguns autores	
42"	Slide de PowerPoint - Conceitos de Noberg-Schulz	
50"	Slide de PowerPoint - Conceitos de Noberg-Schulz	
60"	Slide de Powerpoint – Conclusão item 3	
65"	Slide de Powerpoint – 4. Preexistências ambientais = lugar = lugar sustentável	
70"	Slide de PowerPoint - Relatório Brundtland - conceitos	
75"	Slide de Powerpoint - Montaner - conceitos	
80"	Slide de Powerpoint - Mcdonough - Conceitos	
85"	Slide de Powerpoint - Renzo Piano - Conceitos	
90"	Slide de Powerpoint – 5. Cnclusão	
1'50"	Slide de Powerpoint – Final da apresentação	